

APRESENTAÇÃO

MULHERES E LITERATURA

Manhã de um dia 8 de março, e eu me preparo para escrever e apresentação deste número da *Revista de Letras*, dedicado às relações entre mulher e literatura. Proposta minha, numa tensa reunião em que as mulheres eram minorias. Lançado o tema, uma avalanche de textos, tantos de boa qualidade que seria necessário multiplicar por muitos este volume, para dar conta de publicar todos eles. Feita a dolorosa seleção, foram escolhidos estes para compor o volume. Nova rodada de lutas para conseguir a publicação e, muitos meses depois de iniciado o processo, vem agora à luz este número da resistente *Revista de Letras*.

Creio que o processo para trazer finalmente à publicação esta edição representa de forma bastante significativa o percurso dos estudos das relações entre mulher e literatura, sempre dependendo de que os espaços sejam abertos à força, em meio a olhares de desconfiança.

Enfim, aqui está este número, depois de enfrentar ainda o universo da burocracia acadêmica na liberação de verbas e de verbos. A coletânea de textos aqui apresentada é representativa, inclusive do ponto de vista geográfico: são analisadas três autoras brasileiras, uma inglesa, uma nicaragüense, além de dois outros textos, de teor mais abrangente, que se dedicam às escritoras africanas e às israelenses.

O texto que abre o conjunto é de nossa convidada, a professora alemã Renate Kroll, que nos apresenta uma instigante reflexão sobre a dupla reivindicação da obra de Clarice Lispector pelos estudiosos da escritura feminina, como Helène Cixous, e pelos estudiosos da pós-modernidade.

Em seguida, Arnaldo Franco Junior vai abordar a obra da mesma autora do ponto de vista de uma análise do conflito entre a subjetividade descentrada e a identidade burguesa, elementos constituintes da personagem feminina na obra de Clarice Lispector.

Da obra de Clarice passamos à obra de Cecília Meireles: Camilo Cavalcanti apresenta um trabalho acerca das pouco estudadas primeiras publicações da poetisa, *Nunca mais...* e poema dos poemas, de 1923, e nas *Baladas para el-rei*, de 1925, observando nelas a influência do subjetivismo metafísico característico do início

século XX. Luís Bueno, por sua vez, analisa o poema “Canção da tarde no campo”, dando ênfase à sua constituição rítmica, procurando, além disso, observar como Cecília Meireles ultrapassa o rótulo de “ausente do mundo”, que lhe é atribuído por grande parte dos estudiosos de sua obra.

Ramira Maria Siqueira da Silva Pires analisa o percurso da escritora inglesa Margaret Drabble no descobrimento da obra de Virginia Woolf, observando como, em *The Middle Ground*, de 1980, está presente a referência a Woolf, tanto por meio de algumas confluências de estilo, quanto por meio de intertexto paródico com *Mrs Dalloway*. Para além disso, a pesquisadora analisa, ainda na mesma obra, outros diálogos de Drabble, no romance em questão, com sua própria obra, com contos de fada e, também, com pinturas dos séculos XVI e XVII de Hans Holbein, J. B. Vanmour, Van Dyck, Claude Lorrain e Peter de Hooch.

Cecil Jeanine Albert Zinani discute a formação da identidade pessoal e de gênero do sujeito representado na obra de Gioconda Belli, *A mulher habitada*, não só analisando os pressupostos que orientam a constituição do sujeito feminino, mas também abordando fatos relacionados à história da época da colonização, em que os indígenas foram massacrados pelos conquistadores espanhóis, e da época contemporânea, em que a ditadura de Somoza oprimia o povo nicaraguense.

Depois dela, Meyre Ivone da Silva analisa a literatura das mulheres africanas considerando-a como uma forma de resistência às estruturas patriarcais que oprimem as mulheres e impedem o desenvolvimento econômico no continente africano, trazendo à luz o tema de um movimento feminista africano que propõe a libertação da África e das mulheres africanas.

Nancy Rozenchan aborda dois importantes momentos da literatura hebraica produzida por mulheres: os seus primórdios modernos, quando ela foi periférica, no final do século XIX e começo do século XX, paralelos à primeira onda imigratória para a Palestina, e o atual, em que as autoras se encontram no centro, justamente pela vitalidade que têm proporcionado à escrita das mulheres.

Encerrando o volume com uma volta ao Brasil, Sônia Roncador dedica-se à literatura de testemunho, analisando *A luta que me fez crescer* (1999), obra escrita por Cornelia Parisius com base em

entrevistas feitas à militante e empregada doméstica Lenira Carvalho.

Enfim, desejamos que o nascimento deste número da Revista de Letras, não obstante o difícil parto, possa contribuir para o amadurecimento das reflexões e discussões acerca da literatura escrita por mulheres.

Ana Maria Domingues de Oliveira
UNESP – Assis